

PE. ALCIONÍLIO BRUZZI ALVES DA SILVA (SDB) – (1903-1988)
(nótulas bio-bibliográficas)

*Erasmu d' A. Magalhães**

De uns tempos a esta parte, estamos a realizar levantamento para a feitura de estudo crítico-descritivo sobre a produção de trabalhos de interesse etnográfico-lingüístico por parte de missionários, católicos ou não, que atuam em áreas indígenas brasileiras. Tal fato nos levou a uma leitura atenta de número relativamente grande de trabalhos publicados por esses religiosos, bem como de documentos outros como relatórios de superiores de missões, descrições de viagens, cartas pastorais, catecismos, etc.¹

Atualmente, ao lado daquele arrolamento específico, estamos a dar certa ênfase ao estudo sobre as "fases" e "formas" de catequese salesiana levada na região banhada pelos rios Negro e Uaupés (Amazonas) e no planalto do rio São Lourenço (Mato Grosso).

Dentro deste contexto não seria demais prestar homenagem a quem, por cerca de quarenta anos, cuidou em levantar dados e estudar as línguas indígenas da bacia do Uaupés: o Pe. Alcionílio, denominação como era conhecido pelos amigos e lingüistas, o Pe. Alcionílio Bruzzi Alves da Silva, antigo professor da Universidade Católica de São Paulo e da Faculdade Salesiana de Filosofia de Lorena (SP).

Filho de Antonio Alves da Silva e de Carmelita Bruzzi, nasceu em Nova Era (na ocasião denominada São José da Lagoa) aos 10 dias de abril de 1903. Ingressa no colégio salesiano de Cachoeira do Campo, em 1913.

Em 1919 matricula-se no noviciado salesiano de Lorena, fazendo sua primeira Profissão no ano seguinte.

Na Itália prossegue seus estudos teológicos no Instituto Internacional D. Bosco e se ordena em 1930.

(*) Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH-USP).

(1) Já publicamos dois artigos a respeito. "As atividades do Summer Institute of Linguistics no Brasil". *Biblos*, Coimbra, LVII: 753-772, 1981. "Introdução ao estudo da catequese salesiana no Brasil". *Boletim do CEPEHIB*, São Paulo, V (1): 17-29, jan. 1983.

Como sacerdote passa a atuar, a partir de 1930, no Liceu Coração de Jesus de São Paulo, sendo transferido no ano seguinte para o Colégio São Joaquim de Lorena.

Durante oito anos (1934-1942) atua nos cursos do Instituto Teológico Pio XI (São Paulo).

Na carta mortuária escrita por D. Walter Ivan Azevedo, bispo coadjutor de São Gabriel da Cachoeira, tem-se notícias dos livros didáticos do Pe. Alcionfilio. Diz o prelado: "... nos anos em que vivi no aspirantado em Lavrinhas (década de 1940), eram adotados como texto de aula os seus livros: *Noções de química geral* – notável por conter noções de relatividade e física atômica, inexistentes nos textos escolares da época – e *Primeiras noções de grego clássico*. Pouco mais tarde, década de 50, produz: *Grego clássico nos colégios* e *História da literatura grega*. São também desses anos: *Psicologia experimental* e *Introdução à sociologia*."

Na década de 1950 edita *Introdução à ciência do direito* e *Manual da Semana Santa*, destinados especialmente aos alunos de direito canônico do Instituto Pio XI.

Na última conflagração mundial vêmo-lo como capelão junto à Força Expedicionária Brasileira.

Em 1947 foi convidado pelo bispo D. Pedro Massa² para realizar pesquisas etnográficas e lingüísticas no rio Negro. Os dois primeiros períodos de investigação de campo compreenderam os anos de 1947-1948 e 1952-1953.

A convite de instituições de pesquisas norte-americanas, em fins da década de 50, permanece nos Estados Unidos por longo tempo para melhor preparar dados lingüístico-etnográficos, que resultam no lançamento da *Discoteca etnolingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauabaris*.

Em 1968, volta ao rio Negro para continuar os trabalhos de campo, continuando suas atividades até a morte.

No Centro de Documentação Etnográfica e Missionária, sediado em Manaus, e que veio substituir o antigo de Pesquisas do Iauareté, estão recolhidos muitos inéditos do religioso salesiano.

É do Pe. Casimiro Beksta a informação abaixo.³

"Um volume de *Lendas em português* (da tribo Tucano) foi enviada para S. Paulo, para impressão. Nada ouvimos sobre ele..." E ainda: "O dicionário Tucano-Português está nas mãos da Irmã Olga Tenório, sob supervisão de Dom Walter Ivan de Azevedo. Ela está datilografando os textos que foram corrigidos a mão, pelo autor. Finalmente, o texto do Dicionário Português-Tucano está guardado na nossa sala de computador esperando a sua vez para ser datilografado no computador. Faz dois anos que estou esperando en-

(2) D. Pedro Massa atuou, como bispo, durante 48 anos (1920-1968) na bacia do rio Negro. Foram de sua iniciativa a instalação do Observatório Meteorológico de São Gabriel, dos Postos Pluviométricos de Taracuá e Barcelos. Propiciou a vinda do Prof. Miguel Deisenhofer (da Academia de Ciências de Munich), do Dr. Virgilio Alberti di Novello e do Prof. José Zikan para desenvolverem estudos sobre zoologia na região, notadamente entomologia.

(3) Dados tomados de carta enviada ao Pe. Mário Bonatti da Faculdade Salesiana de Filosofia de Lorena, em 21-4-1989.

contrar algum programa (editor de textos), que fosse capaz de gerar e imprimir sinais além do alfabeto internacional”.

É termina o Pe. Beksta: “Temos ainda umas caixas com textos em Tukano, que seriam “Lendas em Tukano e Português”, e “Alguns textos de Ritos” (recitações, bênçãos) em língua tucana, na linguagem do arcano, mas com a tradução feita por não iniciados (inclusive mulheres)”.

Mesmo que as atividades de pesquisas levadas a cabo pelos salesianos e outros religiosos tenham o fito de, em última análise, a “evangelização”, como se depreende do texto reproduzido adiante, não se pode deixar de considerar importante e válida (não poucas vezes os estudos dos missionários são utilizados, inclusive para trabalhos universitários) a obra editada.

Pode-se registrar a intenção missionária através de um escrito do Pe. Mário Bonatti. “A alfabetização, por exemplo, visa introduzir os índios no processo civilizador inevitável, não obstante o isolamento em que se mantém o território do Rio Negro, comparado com as demais regiões indígenas do Brasil. *O Evangelho de Jesus Cristo procura dar sobretudo sentido à vida* (os grifos são nossos). A escola da Missão preocupa-se em ensinar a escrever e desenvolver conhecimentos aperfeiçoados, fornecer instrumentos de trabalho para cerâmica marcenaria e mecânica”.⁴

A seguir arolamos e descrevemos, e às vezes comentamos, os estudos preparados pelo Pe. Alcionílio e que foram publicados e/ou estão no prelo.

Eles servirão como instrumento de trabalho para os interessados.

– Os ritos fúnebres entre as tribos do Uaupés (Amazonas). *Anthropos*, Freiburg, 50 (4-6) – 593-601, 1955.

Informa o Pe. Alcionílio que os índios “aditem que o homem é composto de dois elementos: corpo (uaxpo) e alma (héripōra). Acrescenta: “Todo homem é, por natureza, imortal, pensam os indígenas. Porém, por ação maléfica de alguns inimigos, sobrevém a morte (uerinsé), ou a separação dos dois elementos. O corpo será sepultado e aos poucos se reduzirá ao nada. Quanto à alma, essa continuará no além outra vida semelhante a que se leva aqui na terra”.

Há um culto com grande força vinculativa dos elementos da tribo. São três os elementos do “culto público social”: o rito do poosé (ou oferta dos frutos e do peixe), o rito pubertário e o rito fúnebre.

O rito fúnebre consta de três partes: choro-elegia, sepultamento e festa fúnebre, que o autor descreve com minudências, transcrevendo o texto de uma elegia, “a mãe que chora” (paxcó uxtígo).

– Morte do chefe indígena da tribo Tucano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, LIII: 119-123, 1956.

Descrição pormenorizada dos ritos mortuários do Viogo (chefe local de tribo) Tukano de Pari-Cachoeira.

– *Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupé, Içana e Cauaburi*.

São Paulo, Centro de Pesquisas de Iauareté, 1961.

Trata-se de coleção de doze discos de 12” e 33 1/2 r.p.m., acompanhada por um livro contendo 150 p.

“A presente *Discoteca* reproduz a pronúncia de 25 idiomas indígenas di-

(4) “Aspectos antropológicos da família Baniwa – Rio Negro (AM)”, *Rev. da Faculdade Salesiana, Lorena*, 20 (29), p. 65, 1979.

ferentes, na voz dos representantes de cada tribo. Como, em geral, os indivíduos informantes desconheciam o Português, fez-se mister o emprego de um idioma intermediário, conhecido do índio que nos devia dar a palavra da sua língua natal. Esse idioma intermediário foi ordinariamente o Tukano entre as tribos do Uaupés, Tiquié e Papurí (para obter as palavras Kubewāna, intermediário foi o Wanana), e o Nheengatú entre as tribos Arwake do Içana e Aiari. Em vários casos não bastou uma língua intermediária. Esta dificuldade de ordem prática trouxe, no entanto, a vantagem de permitir-nos ouvir no disco uma mesma palavra portuguesa traduzida sucessivamente em três ou quatro idiomas indígenas e destarte verificar a aproximação ou afastamento entre esses idiomas”.

Esta é a informação preliminar do autor (p. 5).

Os quatro primeiros discos são um documentário daquilo que o Pe. Alcionílio denomina de “senso artístico-musical” dos grupos indígenas estudados, apresentando:

A) – Música instrumental:

1 : Flautas-de-pã, Namá-doxpoá, Moxtê-poro, Ehô, Namá-oã, Surubim.

2 : Yapurutú (danças).

B) – Canções dos homens:

1 : Canções dos homens das tribos Tukano e Wanana.

2 : Canções dos homens das tribos Taryana, Huhúdeni e Makú.

C) – Canções das mulheres:

1 : Canções das mulheres das tribos Kubewana, Wanana, Bará, Tuyuka, Mikura, Makú e Huhúdeni.

2 : Canções das mulheres das tribos Siwsi e Werekena. O choro-elegia.

3 : Canções dos pajés da tribo Taryana.

D) – Canções das moças e dos pajés:

1 : Canções das moças das tribos Pirá-tapuya, Tukano, Kumādene, Yawareté, Siwsi, Arara e Yurupari.

2 : Canções das tribos dos rios Maruiá e Caburi. O Rito do Cigarro. Canções dos pajés das tribos Tukano, Wanāna e Huhúdeni.

Os restantes oito discos cuidam em bem documentar importantes e úteis dados da língua: estrutura fonética-fonológica, gramática contrastiva, vocabulário comparado, etc.

Passemos à descrição abreviada dos conteúdos das gravações:

Disco 5 – Fonemas da língua Tukano na “pronúncia” de Antonio Barreto, de Patrícia Vasconcelos, Maria Vieira e Jovita Dias, respectivamente habitando os rios Tiquié, Papuri, Uaupés e afluente do Tiquié.

Disco 6 – Fonemas da língua Tukano na voz de Paulina Machado (povoado de Parí-Cachoeira – rio Tiquié). Lendas em Tukano: Porque a pele adere à mandioca, Wāx-tī e o caçador, História de Nhamacurú, Lendas de O’ã-kon e Mahā-wí.

Disco 7 – Vocabulários e lendas Nheengatú. Catecismo em Nheengatú. Vocabulários Korōxitari e Amōkapitori.

Nota: Foram recolhidas cerca de 200 palavras usuais, tendo por base o “vocabulário básico” proposto por Moris Swadesh.

Disco 8 – Vocabulários Tukano, Desana, Tuyuka, Bará, Yuriti-Suryana, Wanana-Kubewana, Kumādene.

Disco 9 – Vocabulários Pirá-tapuya, Tukano-Tuyuka-Bará, Tukano-Tsena, Wanana-Kubewana.

Disco 10 – Vocabulários Tukano-Tatú-Ide, Tukano-Yebá, Tukano-Makú.

Disco 11 – Vocabulários Português-Kumádene, Português-Siwsí, Português-Nheengatú-Huhúdeni, Nheengatú-Yuruparf-Yawareté.

Disco 12 – Vocabulários Português-Nheengatú-Sukuruzú, Português-Nheengatú-Ziboya, Português-Nheengatú-Werekena, Português-Tukano-Taryana.

O livro, indispensável para a boa utilização dos discos, contém estudos de elementos fonéticos e fonológicos, acompanhados por numerosa exemplificação. Também ali o leitor pode deparar com a transcrição das lendas (em português e inglês) e dos vocabulários.

Não seria ocioso aqui repetir as observações do Prof. Jurn J. Philipson publicadas na *Revista de Antropologia* (USP): “É fora de dúvida a honestidade total de todas informações do Autor, obtidas em vários anos de trabalho, durante os quais conseguiu aperfeiçoar os seus métodos”. E mais, quantos aos discos, “pode-se dizer que são de muito boa qualidade, recomendando-se a sua aquisição por instituições nacionais e estrangeiras, tanto para estudos lingüísticos e etnográficos, como fins didáticos. Outrossim, constituem documentação preciosa para futuras gerações”.

– O Amazonas, as amazonas e os índios de cauda. *Mundo Melhor*, São Paulo, V (59): 34-35, 37, 39, 41, 43, 45, 47-51, 1962.

Com base em observações pessoais e documentando-se nos historiadores da Sociedade Salesiana, o autor dá série de pequenas informações sobre as missões salesianas da Prelazia do Rio Negro.

A civilização indígena do Uaupés.

São Paulo, Centro de Pesquisas de Iauareté, 1962. 496 p. Ilus. Bibliografia.

Afirma o autor que os grupos (“vinte ou mais tribos”) que têm como habitat a bacia do Uaupés compõem um mesmo grupo cultural.

Como adendo, demonstrando o viés do missionário, pondera: “para *civilização e cristianização* (dos grupos) desde 1916 desdobram os Filhos de S. João Bosco, dirigidos, vai para (mais de) 40 anos, nesse seu heroísmo anônimo, pelo dinamismo inteligente a caridade apostólica de Dom Pedro Massa”. (os grifos são nossos)

Ao comparar a quantidade de dados de ordem lingüística e etnográfica recolhidos por Theodor Koch Grünberg e pelos salesianos, diz que estes tiveram sua ação facilitada pelo melhor conhecimento dos idiomas indígenas.

Uma vez mais, o Pe. Alcionílio deixa-se trair por sua formação religiosa. Senão vejamos. Falando da importância “do convívio mais íntimo possível com os selvícolas” diz: “morando na sua maloca, assistindo às suas festas, (..), observando-os nos seus trabalhos, aproveitando-se dos seus serviços, sondando o seu espírito, *ilustrando a sua inteligência em longos anos de educação, iluminando sua alma com as verdades religiosas, vê-se a trechos abrir-se inesperadamente aquelas mentes em clarões que revelam, através de uma ingenuidade encantadora, um mundo jamais sonhado.* (os grifos são nossos)

Apesar de nossos grifos e observações, que não podem ser tomadas como simples restrições, é de todo útil lembrar a importância e o grande volume de informações contidas no livro.

Ele está dividido em nove densos capítulos a saber:

I – O habitat.

II – As tribos do Uaupés no período histórico.

Atente-se para as cuidadosas observações sobre dificuldades de identificação e sobre as tribos da região e sua localização (p. 25-39).

III – Malocas (baxsasé-wi'seri) e povoados (maxka).

A indicação é feita através do topônimo oficial seguido da denominação em Tukano e sua tradução.

IV – Distinção e classificação.

São levados em conta os caracteres somáticos e, com maior amplitude, os elementos lingüísticos, indicando o autor a existência de três famílias lingüísticas: Tukano, Arwake, Makú.

V – Observações sobre a psicologia do índio.

Este capítulo mereceria reparos por parte de estudioso especializado, pois o sacerdote envereda pelos perigosos caminhos do preconceito, fazendo descuidados juízos de valor.

VI – Cultura material.

Extenso (p. 171-252) e muito bem documentado estudo. A descrição da habitação, dos objetos, das vestes, da alimentação, etc., obedecem às boas normas da moderna etnografia.

VII – Cultura do espírito.

Por mais de 150 páginas (p. 253-406) o autor vai descrevendo a “memória topográfica louvável”, as formas de contar, os conhecimentos astronômicos, “noções bastante exatas de anatomia e fisiologia humanas”, o papel do xamã (seus poderes, meios que utiliza para curar, sua influência, sua posição, etc.), artes musicais, “conceito de religião”, festas religiosas, etc.

VIII – Organização social.

Tópicos principais: leis de matrimônio, divisão do trabalho, imposição do nome, iniciação masculina e feminina, nomenclatura de parentesco, organização do grupo local ou territorial, grupo lingüístico.

IX – A vida do índio.

O mais fraco dos capítulos cuida dos ciclos diário, anual e de vida.

– Estrutura da tribo Tukano. *Anthropos*, Freiburg, 61 (1-2): 191-203, 1966.

Primeiramente faz breves observações sobre as “primeiras notícias e informações dos habitantes dessa região” que datam do século XVIII, detendo-se no *Roteiro* do Pe. José Monteiro de Noronha.

Diz o autor que na “tribo Tukano aparecem classes ou categorias de pessoas”, explicando que a classificação não é em razão da autoridade ou dos haveres. Trata-se na realidade, aduz, de uma classificação genealógica.

Após elencar as “classes genealógicas”, resultado de informações do mais velho da tribo (Gabriel Costa), estuda os resultados dos efeitos aculturativos sobre as regras de classificação das “classes”.

– *Observações gramaticais da língua Daxseyé ou Tukano*. São Paulo, Centro de Pesquisas de Iauareté, 1966. 404 p.

Cuidadoso estudo que, mesmo não seguindo muito de perto os contemporâneos postulados da lingüística descritiva, nada deixa a dever aos trabalhos do gênero.

A obra está dividida em quatro grandes partes: I – Fonologia (símbolos e

sons, acentuação e prosódia, fenômenos fonéticos); II – Morfologia (vocalbulos, gêneros e números, artigo e declinação, adjetivos e pronomes, o verbo, advérbios, preposições, conjunções, interjeições ou exclamações); III – Etimologia (partículas de composição); IV – Sintaxe (ordem dos elementos na proposição, sintaxe do número plural, partículas, graus de comparação, complementos, pronomes, expressões enfáticas e idiotismos, verbos, proposições).

Para o estudo de etnolingüística convém assinalar “fenômenos fonéticos nas palavras assimiladas do português” (p. 25-35).

– A família lingüística Tukano. *Anthropos*, Freiburg, 68 (1-2): 304-310, 1973.

Informa preliminarmente o estudioso: “A preponderância da tribo Tukano pode-se atribuir à uma dupla causa: 1 – o grande número de Tukano em relação ao das outras tribos, algumas das quais constam apenas de duas ou três centenas de membros; 2 – a sua situação em uma área tão ampla onde se acham intercalados núcleos de outras tribos”. Diz ainda que “cumpre registrar que nessa área três tribos já perderam o próprio idioma e falam exclusivamente o Tukano, a saber: as tribos Miriti-Tapuya e Arapasu, pertencentes ao grupo Tukano, e a tribo Kumãdene, do grupo Arwake. E a própria tribo Taryana, ainda que bem numerosa, quicá umas 700 almas, está em véspera de esquecer a língua natal, que é atualmente falada pelos elementos mais idosos, acima dos 40 anos, pois a geração nova fala exclusivamente o Tukano”.

Após relacionar os componentes da família lingüística Tukano (em número de 23 segundo o autor) faz observações acerca das classificações lingüísticas propostas por T. Koch-Grünberg e Chestmir Loukotka, revendo-as e atualizando-as.

– Famílias lingüísticas indígenas da prelazia salesiana do Rio Negro (Brasil). *Salesianum*, Roma, p. 655-670, jul./set. 1975.

O autor reconhece três áreas etnográficas na Prelazia: 1º) área Tukano – bacia do Uaupés, incluindo dois principais afluentes, o Tiquié e o Papuri; a área se alonga pela Amazônia Colombiana; 2º) área Aruak – é a do alto Rio Negro, com seus afluentes o Içana e o Xiê; 3º) – área Guahafbo ou Yanoama (denominação provisória), é a área do médio Rio Negro.

– *Uma explicação – notas ao Dicionário Tukano-Português*. s/d. 16 p.

O autor divulga longa série de informações sobre os dicionários Tukano-Português e Português-Tukano, que deverão ser publicados postumamente, enfatizando as dificuldades de coleta e de transcrição.

Para o processo aculturativo são de muita utilidade as observações sobre as “conseqüências da generalização do idioma Tukano”.

– *Idiomas indígenas da Amazônia*.

A *Revista do Livro*, órgão do Instituto Nacional do Livro, por diversas vezes anunciou o lançamento do estudo que classifica e localiza os grupos indígenas (incluindo a área fronteira da Colômbia), contendo um vocabulário de mais de 300 palavras usuais, em 38 línguas indígenas.

– *Mitologia e lendas do Uaupés*.

Estava em estágio avançado de preparação quando do falecimento do missionário. Contém cerca de 1500 páginas.

Recebido em 03 de agosto de 1989